



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROF. ARISTON DIAS LIMA – SÃO RAIMUNDO NONATO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO TOCA DA
INVENÇÃO, CORONEL JOSÉ DIAS/ PI (1990 -2023)**

ÉRICA PAES MACEDO

**SÃO RAIMUNDO NONATO
MAIO / 2024**

ÉRICA PAES MACEDO

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO TOCA DA INVENÇÃO,
CORONEL JOSÉ DIAS/ PI (1990-2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação
em História da Universidade Estadual do Piauí, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Maria da Vitória Barbosa Lima

**SÃO RAIMUNDO NONATO
MAIO /2024**

ÉRICA PAES MACEDO

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO TOCA DA INVENÇÃO,
CORONEL JOSÉ DIAS/ PI (1990-2023)|**

Trabalho de Conclusão de Curso/Artigo Científico apresentado ao
Curso de Graduação em História da Universidade Estadual do
Piauí, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciatura em História.

Aprovada em 21/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maria da Vitória Barbosa Lima (UESPI)
Orientadora

Prof^a Dr^a Ana Stela de Negreiros Oliveira (IPHAN)
Examinadora Externa

Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão
Examinador Interno (UESPI)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado ao longo do caminho e me dado forças para chegar até aqui.

A professora Maria da Vitória, que ao longo de toda a minha pesquisa me deu o apoio e incentivo necessário para continuar o trabalho, que com paciência e amor pelo trabalho que faz me deu motivação para seguir em frente, fazendo assim eu acreditar no meu potencial. Obrigada pela experiência maravilhosa.

A minha mãe, que durante toda a minha vida me apoiou incondicionalmente, por sempre estar de braços abertos para me escutar, dar-me o apoio necessário, me incentivar a estudar e mesmo quando eu estava atarefada com as atividades e obrigações acadêmicas, no decorrer do curso, ficava ansiosa e pensava que não ia conseguir, nunca duvidou da minha capacidade. Obrigada por ser a minha fonte de apoio e por todo amor dedicado.

Ao meu pai, por me incentivar e dar forças para conseguir estudar, dizia que você só será alguém na vida através dos estudos, sempre foi um dos maiores incentivadores durante toda a minha vida estudantil. Hoje, você não está mais entre nós, mas estará sempre presente em meu coração, creio que estarás sempre olhando por mim e me guiando ao longo de minha vida.

A minha querida irmã, por ser uma excelente amiga e por espalhar alegria por onde passa. Te amo maninha.

Aos professores da UESPI, José de Arimatéa, Cristiane e Gustavo Durão por conseguirem transmitir o conteúdo nas aulas de uma maneira leve e didática que estimulem o senso crítico dos alunos, despertando assim o interesse dos alunos em participar e não faltar às aulas, vocês são uma verdadeira inspiração para quem quer seguir a carreira docente.

A todos os amigos que conheci ao longo da graduação, isso tornou a caminhada mais leve.

A todos os entrevistados, Carlos Silva, Denilson Castro, Jair Miranda, Paula Alves e Thais Assis, por terem aceito o convite de participar das entrevistas, suas contribuições foram bastante significativas para o desenvolvimento deste trabalho.

A toda a comunidade UESPI que de uma maneira ou de outra contribuíram para o meu processo de formação enquanto estudante de graduação em História.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO TOCA DA INVENÇÃO, CORONEL JOSÉ DIAS/ PI (1990 -2023)

Érica Paes Macedo (Graduanda em História, UESPI)
 Maria da Vitória Barbosa Lima (Orientadora, Professora UESPI)

RESUMO

O Sítio Toca da Invenção é um sítio arqueológico utilizado como sítio escola por arqueólogos e estudantes do curso de Arqueologia. Este trabalho tem como objetivos conhecer as memórias e histórias de pessoas sobre a terra em que se encontra o sítio arqueológico, valorizar as memórias dos antigos moradores da localidade do Sítio do Mocó, Coronel José Dias - PI sobre a Terra em que se encontra o sítio arqueológico e identificar o sítio como local de prática para futuros arqueólogos, tendo em vista que a área abrange um importante espaço a ser estudado pela Arqueologia. Para o desenvolvimento da pesquisa levamos como base leituras que abordam e tratam da temática. Utilizamos o método de observação, captura de imagens através da fotografia e relatos de moradores do Sítio do Mocó, que conhecem a história do local, pessoas que trabalham como guias e alunos que cursaram ou estão cursando o curso de Arqueologia que presenciaram ou participaram de algum processo de escavação na Toca da Invenção. Concluímos sobre a importância dos estudos arqueológicos para o desenvolvimento da região do Sítio do Mocó e do sítio arqueológico para a formação dos estudantes de Arqueologia.

Palavras Chaves: Memória, história, sítio arqueológico, Toca da Invenção, Sítio do Mocó.

ABSTRACT

The Toca da Invenção Site is an archaeological site used as a school site by archaeologists and Archeology students. This work aims to understand the memories and stories of people about the land where the archaeological site is located, to value the memories of the former residents of the town of Sítio do Mocó, Coronel José Dias - PI about the land where the site is located archaeological site and identify the site as a place of practice for future archaeologists, considering that the area covers an important space to be studied by Archeology. To develop the research, we took as a basis readings that address and deal with the topic. We use the observation method, capturing images through photography and reports from residents of Sítio do Mocó, who know the history of the place, people who work as guides and students who have taken or are taking the Archeology course who have witnessed or participated in some excavation process at Toca da Invenção. We conclude on the importance of archaeological studies for the development of the Sítio do Mocó region and the archaeological site for the training of Archeology students.

Keyword: Memory, history, archaeological site, Toca da Invenção, Sítio do Mocó.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico tem como proposta a temática que trata do estudo sobre a região onde se localiza o Sítio Arqueológico Toca da Invenção, que fica situado no município de Coronel José Dias-PI, abordando também parte da história da criação do Parque Nacional Serra da

Capivara e a própria história do Sítio Toca da Invenção enquanto local de prática da arqueologia. Um dos motivos pelo qual optei por trabalhar essa questão é o fato de ter poucos estudos sobre a temática como também pela curiosidade e interesse pessoal.

Essa pesquisa visa contribuir para um aprofundamento nos estudos acerca dos sítios arqueológicos no estado do Piauí, destacando a sua importância e contribuição no desenvolvimento regional e da própria arqueologia.

Num primeiro momento, eu tinha como objetivo desenvolver uma pesquisa pautada na importância dos sítios arqueológicos, sobretudo no que diz respeito ao Parque Nacional Serra da Capivara, como contribuinte para o turismo regional, pensar como a criação do parque contribuiu para o desenvolvimento da região, e como a população se transformou com o aumento do fluxo de turistas no ambiente, antes e depois da sua criação, trazer um panorama de como o território ficou mais conhecido, com a grande quantidade de visitantes, posteriormente, o que contribuiu significativamente para que o local se tornasse um ponto turístico.

Dentro dessa perspectiva, a ideia inicial era trabalhar justamente essa relação, como as transformações impactaram até na própria vivência da população do território Serra da Capivara. Alertada sobre a dificuldade que enfrentaria ao longo do processo para conseguir desenvolver e concluir a pesquisa em questão, optei por seguir outra linha de estudo.

A pesquisa a ser desenvolvida surgiu num primeiro momento através de um diálogo que tive com a professora Maria da Vitória, até então docente da disciplina de Iniciação à Pesquisa Histórica, que sabendo do meu interesse em estudar os sítios arqueológicos como contribuinte para o turismo, a história e à memória, assim como para a arqueologia me apresentou um tema que despertou o meu interesse, uma vez, que possui relação com a temática anterior.

De início pode se dizer que a história do lugar/terra, entendido como o chão em que está o Sítio Toca da Invenção, é desconhecida pelos profissionais que atuam no local, ou seja, pelos arqueólogos. Sabemos que esse lugar é utilizado como local de ensino, isto é, como "laboratório" para as práticas de escavações do(a)s aluno(a)s de Arqueologia da Universidade Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato-PI.

Dentro dessa perspectiva, devido ao pouco reconhecimento, ou até mesmo "desconhecimento" sobre o estudo do Sítio Toca da Invenção, foram produzidos alguns questionamentos: o que se sabe sobre o Sítio Toca da Invenção? Por que apesar de ter a presença de um importante local de estudo/ pesquisa ainda falta o devido reconhecimento a região, tanto no

que diz respeito ao próprio sítio, como também a história e memória local? Como chegar a região? Uma vez que, estamos diante de um local com possibilidades arqueológicas e históricas, algo que deve despertar algum interesse social nos indivíduos que residem em seu entorno; assim como educacional, a exemplo dos estudantes do curso de Arqueologia da UNIVASF.

Além da memória, o que temos é uma vontade de reconhecimento das riquezas deste lugar, de perspectivas diversas, porém complementares entre pesquisadores e a sociedade local, perceber a relação entre o passado e o próprio futuro almejado. Objetiva conhecer as memórias e histórias de pessoas sobre a terra onde se localiza o Sítio arqueológico Toca da Invenção, com recorte temporal, anos de 1990 a 2023, compreender a terra em que se encontra.

O interesse parte, também, como forma de destacar o aspecto científico, ou seja, a busca pela valorização da memória dos antigos moradores de Coronel José Dias sobre a terra em que se encontra o Sítio Toca da Invenção. Pois, “a memória alimenta a existência das pessoas e os movimentos sociais de forma ativa, como um trabalho que busca conferir coesão e solidariedade interna à pessoa ou ao grupo, pois é registro ou testemunho de suas experiências díspares e múltiplas” (Silveira, 2008, p. 187). Partindo desse pressuposto é válido destacar que o estudo das memórias é um processo de construção, seja social, histórico, constitui a força de um grupo e a capacidade dele se manter unido em meio ao debate sobre suas contradições.

Identificar o sítio arqueológico como local de prática para futuros arqueólogos, tendo em vista que, a área abrange um importante espaço a ser estudado. Os sítios arqueológicos são de suma importância para a própria compreensão da humanidade, partindo desse pressuposto a questão instiga a estudar e buscar compreender a formação desses locais como é o caso do Sítio Toca da Invenção e sua contribuição para a história e memória local. Esta é a relevância da pesquisa, ou seja, por dar voz a história local, muitas vezes deixada de lado, “esquecida”, e uma oportunidade de contribuir para o fortalecimento da história local e sua disseminação.

O presente estudo está focado em estudo de tempo passado-presente. Segundo o historiador Marc Bloch: "A história tem por objeto de estudo o homem e por isso ela é a ciência que estuda os homens no tempo" (Bloch, 2001, p. 55). Ou seja, parte do pressuposto de que os seres humanos compostos por suas interações, sua vida, é a figura central do estudo dessa ciência, desmistificando o fato de que a história se limita apenas a estudar o passado; mas sim estudar o passado para compreender o presente de forma relacionada e não apenas utilitarista, e claro estudar as relações e vivências das pessoas comuns.

Com o intuito de alcançar os objetivos, utilizei como base metodológica o estudo das fontes documentais e historiográficas. A pesquisa historiográfica compreende a busca em bibliotecas e sites de artigos, livros, dissertações, teses que possibilitem a escrita do trabalho. As fontes documentais, são as escritas, como os relatórios de campanha, e orais (técnica de entrevista e questionário).

A pesquisa se pauta principalmente na história oral, pois é uma forma de compreender os fatos através das memórias e relatos construídos pelos entrevistados, valorizando as memórias da população. Por isso realizei entrevista com as seguintes pessoas: Paula Alves, com idade de 58 anos, é moradora e possuidora de um restaurante na comunidade Sítio do Mocó; Jair Miranda, com idade de 48 anos, é morador do Sítio do Mocó e trabalha como guia no Parque Nacional Serra da Capivara; Denilson Castro com idade de 26 anos, é graduado em História e mestrandando em Arqueologia e atua como guia no Parque Nacional Serra da Capivara; Thais Assis com idade de 22 anos é graduada em Arqueologia e, atualmente, é mestrandanda em Arqueologia; Carlos Silva, 37 anos, é graduado em Arqueologia; e, Waltércio Torres, guia no Parque Nacional Serra da Capivara e ex-morador do Sítio do Mocó.

1.1 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Como base teórica, essa pesquisa dialoga com a história local e social. Utilizo como base alguns textos e artigos que dialogam de alguma maneira com a temática de estudo trabalhada, como: Brito (2010) que em “a metamorfose do conceito de região” trata da questão da região bem como entender seus conceitos. Ao falar sobre a metamorfose do conceito de região Brito (2010) revela que:

Refletir sobre a região implica não somente a compreensão da produção e da circulação de coisas e de objetos em seu espaço, mas também o entendimento da criação de resistências, de desejos, de vontade que correspondem às necessidades e carências específicas de cada lugar, que podem estar conectadas às necessidades e carências de outros lugares (Brito, 2010, p. 86).

Diante disso, podemos dizer que, para ele, o conceito de região vai além da questão limitada ao espaço físico, e se pauta também no conhecimento, delimitação do espaço, conhecer a vivência,

os processos de luta e resistência das pessoas de um determinado lugar, buscando entender e compreender as relações/particularidades tanto no âmbito histórico como cultural.

Posto isso, trabalho com o conceito de região estabelecido por Santos (1997), que estabelece uma relação entre região e o lugar, pois para compreender um lugar “não se deve contentar apenas com uma reflexão sobre o local, e sim buscar o mundo no lugar, a história do presente faz do lugar o conceito fundamental para a compreensão do movimento, mas também a prática social”.

No campo da memória e história trabalho com Nora (1993) e Silveira (2008). Nora (1993) trabalha a questão da história, memória e lugares de memória. Para Pierre Nora, lugares de memória “são antes de tudo restos”. “É a desritualização de nosso mundo que faz parecer a noção, o que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação” (Nora, 1993, p. 12-13). Para este autor, os lugares de memória nascem, criam vínculos e vivem através dos sentimentos, contudo é preciso de uma organização para conseguir ter o controle de algumas datas comemorativas como por exemplo aniversários e celebrações importantes, pois são lugares simbólicos.

Para Nora, Memória e História estão longe de serem sinônimos, uma vez que uma se opõe a outra.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a toma sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1993, p. 9).

Nora (1993) parte de uma perspectiva de que a memória está ligada a uma relação mais presente, visto que está sempre em evolução, podendo ter várias narrativas, por mais que o tempo

passe ela é sempre atual, está relacionada com o vivido, com o presente, ela emerge de um grupo que a une. Enquanto, a história é a reconstrução de um problema e demanda de uma análise e um discurso crítico.

Silveira (2008), em “Movimentos Sociais, Memória e História”, distingue a memória e a história e destaca que a distinção se dá, porque, esta não recolhe os vestígios, como a memória, mas realiza uma operação intelectual, para dar inteligibilidade aos vestígios do tempo, procurando estabelecer nexos possíveis, entre os mesmos, e entre eles e os grupos sociais, sociedades, em cujas temporalidade tais vestígios estão imersos (Silveira, 2008, p. 189).

Para um estudo centrado na arqueologia e sua importância, bem como a relação entre a própria historiografia sobre o município de Coronel José Dias utilize Funari (2010) e Lima (2015). Para entender melhor a questão da História Local, baseio-me nas contribuições de Melo (2015) para ajudar/facilitar na sua compreensão.

Utilizo o Método Indiciário, do autor Ginzburg (1990), que em “raízes de um paradigma indiciário” mostra a importância da análise, interpretação e a investigação a respeito de sinais e indícios na investigação histórica e antropológica, para se ter entendimento dos fatos, e que essa abordagem metodológica auxilia na reconstrução e compreensão de fatos históricos e culturas passadas.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilize fontes bibliográficas e fontes orais. Com a utilização da fonte oral, trabalho com Paul Thompson (1992), em que o autor coloca questões norteadoras a respeito de técnicas das entrevistas, de como trabalhar com a história oral. Destaca que, o primeiro ponto importante, para a contribuição desse processo é a preparação, um levantamento de informações básicas. A entrevista completamente livre não pode existir, apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo a ser explicado, e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita (Thompson, 1992, p. 258).

2 HISTÓRIA LOCAL E ARQUEOLOGIA

A História durante muito tempo foi a história de várias sociedades, governos e indivíduos notáveis, excluindo a participação das pessoas comuns dos “eventos históricos”, onde os “grandes personagens”, são lembrados. Foi a partir da criação da famosa escola dos Annales, juntamente

com uma visão ligada à história vista de baixo que a forma de entender e contar a história passou a ser vista e entendida com outro olhar. Em que a inclusão e a propagação da história trazendo uma perspectiva que abrange e dá espaço para as “pessoas comuns” enquanto sujeitas produtoras de História. Busca-se a valorização pelas micro-histórias de diferentes indivíduos, que antes eram deixados de lado, excluídos.

Partindo dessa perspectiva, é interessante entender que a história ela é composta por diversos sujeitos, é preciso entender que para compreender as mudanças e transformações que acontecem ao longo do tempo em um determinado lugar, é essencial investigar, entender sobre a História Local, até mesmo para dar embasamento ao conteúdo.

A história local, nos permite conhecer um conjunto de realidades a respeito de comunidades, espaços diferentes. Através de pesquisas, é possível historicizar as memórias bem como compreender a formação de importantes sujeitos históricos. Através dela podemos dar destaque ao estudo das chamadas "pessoas comuns ", como personagens importantes da sua história. Isso possibilita uma vasta gama de conhecimentos, tanto para a população local como para estudiosos e pesquisadores, respectivamente. Dentro dessa perspectiva, é de fundamental importância conhecer a região de pesquisa antes de começar a realizar algum trabalho, pois contribui para uma relação de proximidade do pesquisador com o seu local de estudo.

Quando falamos em História Local para realização de uma pesquisa historiográfica, é importante levar em consideração outras ciências que dialogam com seu desenvolvimento, como é o caso da arqueologia, que através de técnicas e metodologias próprias amplia as possibilidades para se conseguir chegar a um determinado objetivo.

Pauto em métodos e técnicas de pesquisa diferentes para destacar: a história local e a arqueologia para o seu desenvolvimento. Posto isso, estudar as memórias e histórias do sítio arqueológico Toca da Invenção visa contribuir para um reconhecimento do local para o campo arqueológico, importante para ser utilizado para conseguir contribuir para um conhecimento sobre a região, possibilidades e condições. Além de buscar entender como se deu a formação do local, entender através de relatos orais, das pessoas que residem próximo a área, as memórias e histórias que levaram ao Sítio Toca da Invenção.

2.1 HISTORIOGRAFIA SOBRE O MUNICÍPIO DE CORONEL JOSÉ DIAS

O local ao qual o sujeito está inserido possibilita tanto a consolidação da identidade social como também a sua capacidade de atuação. Portanto, é na história local que se torna possível a articulação entre identidade social e conhecimento. É de grande importância estudar a história local, ela estuda o coletivo e o individual, contribui para o fortalecimento de identidades através do conhecimento, bem como o entendimento de vivências, cria até mesmo uma relação de proximidade com os sujeitos e um melhor entendimento sobre o espaço em que residem.

A história local é, assim, um campo rico de investigações, seja pela sua dimensão interpretativa, seja pela dimensão metodológica, justificando-se, portanto, os mais variados modos de acesso e de compreensão. As possibilidades que a história apresenta no trato das abordagens a da ampliação das fontes de pesquisa proporcionam um alargamento, e ao mesmo tempo, o rompimento dos limites do conhecimento histórico até então postos, pois passam a considerar a ação e a experiência dos agentes históricos no labirinto das relações sociais e principalmente, na construção das identidades, do indivíduo em si e inseridos na coletividade (Melo, 2015, p. 75).

Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que a história local é um campo vasto, e que abre diversas possibilidades de estudo/pesquisa. Uma vez que, contribui significativamente para o aprendizado tanto no que diz respeito ao entendimento do local de vivências, como para a contribuição do saber histórico, e a própria compreensão de sujeitos fundamentais da sua história, bem como sua divulgação.

“O local é uma janela para o mundo” diz Fonseca (2013, p. 244). O seu estudo permite a compreensão do espaço de vivências, o fortalecimento de identidades, auxilia na construção do saber, a valorização da história, memória, bem como o entendimento sobre o espaço, territorialidade, uma vez que o indivíduo começa a se perceber como personagem principal da sua história. Dessa maneira, provoca a sensação de pertencimento, evidenciando que a história não é composta unicamente pelos grandes personagens, grandes guerras, mas um conjunto variado de sujeitos históricos, cujas experiências e vivências merecem espaço e reconhecimento.

Nesse sentido, é importante trabalharmos a questão regional para uma melhor compreensão a respeito do espaço. Apesar das regiões, se moldarem de maneira distinta, no seu processo de formação e conteúdo. Segundo Santos (1985 *apud* Brito, 2010), refletir sobre a região, portanto, envolve a compreensão das relações entre as formas e seus conteúdos estabelecidos num

determinado espaço, interagindo entre si. Coloca que, para ter-se o entendimento, a compreensão da região, é essencial compreender como a vida nesse território funciona, como por exemplo as relações internas, bem como os processos de mudança. Quanto à sua conformação histórica, cada região é resultado da combinação incessante de variáveis distintamente datadas, de vários tempos de divisão internacional do trabalho. Os tempos, de acordo com os lugares, tornam-se diferenciados uns dos outros devido às exigências da demanda externa e da própria lógica interna existente em cada região (Brito, 2010, p. 80).

O conceito de região para Milton Santos (1985 *apud* Brito, 2010), se pauta na questão do tempo e do lugar e para ele, a região e o lugar se reconhecem, porque são conceitos e realidades que dependem um do outro para explicações e práticas sociais. Segundo ele, a região é um espaço geográfico formado pela solidariedade orgânica das pessoas e de suas áreas, que ao longo do tempo produz identidades uniformes entre elas, as diferenças entre as regiões devem-se às relações internas entre os indivíduos e a natureza, sem medição externa.

O município de Coronel José Dias, está situado na região nordeste, do Território Serra da Capivara, sudeste do estado do Piauí (veja figura 1), no bioma caatinga, e o clima é caracterizado por ser quente e seco, tem uma população composta por aproximadamente 4250 habitantes, tem uma densidade demográfica de 2,21 habitantes por km², uma média de 2,86 moradores por residência segundo o IBGE (2022).

Está a cerca de 33 km da cidade de São Raimundo Nonato e 548 km da capital Teresina. Parte do município abriga o Parque Nacional Serra da Capivara que foi criado a partir de 1979, para atuar na preservação e conservação de vestígios arqueológicos. Há vários povoados de Coronel que estão situados na área de conservação do PARNA, como: Sítio do Mocó, Barreirinho, Barreiro Grande, Coronel José Dias (sede), Limoeiro, Queimada Nova, Maquiné, Sanharó, Barra do Antonhão, Boi, Lagoa, Serrote, Borda, São Miguel, Lagoinha, Veneza, Barranco II, Lagoa do Inácio, Barra da Umburana, Santo Antônio, Saco (Pessis, 1998).

Ao longo do tempo, o município de Coronel José Dias passou por uma série de mudanças e transformações durante o seu percurso. Uma vez que, a região antes era pertencente ao município de São Raimundo Nonato, assim como outros municípios vizinhos, e era conhecida pelo nome de Várzea Grande. Segundo o IBGE (2015) só foi a partir do ano de 1990, que o município se desmembra e passa a ser oficialmente autônomo.

O município de Coronel José Dias foi desmembrado de São Raimundo Nonato por força da lei 4477, de 29 de abril de 1992. Esta lei foi votada pela Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador do Estado, Antônio de Almendra Freitas Neto. Para que a citada lei fosse votada, foi realizado um plebiscito no dia 19 de abril de 1992, que aprovou o referido desmembramento. O nome Coronel José Dias, foi dado em homenagem a um filho ilustre desta Terra, que ela prestou relevantes serviços como político, advogado e benfeitor (IBGE, 2015).

Figura 1: Localização do município Coronel José Dias



Fonte: Wikipedia, 2023.

Existem algumas versões a respeito da origem do nome do município, mas uma mais aceita é a de que o nome (José Dias) faça homenagem a um coronel que atuou prestando alguns serviços na região, tanto no âmbito político como na advocacia. A área é de grande importância para o estudo visto que, possui uma grande concentração de sítios arqueológicos em seu entorno.

2.2 TOCA DA INVENÇÃO

O Sítio Toca da Invenção fica em Coronel José Dias, localizado na zona rural, mais precisamente no povoado Sítio do Mocó. Este povoado é formado por uma comunidade em que,

grande parte da população trabalha, obtém sua subsistência através do turismo. Possui a maior renda *per capita*, entre os povoados do município, em função do Parque Nacional Serra da Capivara, situado ao lado, abrangendo uma vasta área de concentrações de pinturas rupestres. Uma parte significativa da região obtém algum vínculo empregatício com o Parque, com a unidade de conservação, trabalhando como guia, brigadista, na guarita, guarda, bem como da produção de artesanato. A comunidade abriga uma população de mais de 120 famílias.

Figura 2: Imagem do Sítio do Mocó



Fonte: Guia viajar melhor (2024).

As entrevistas foram colhidas através de depoimentos das pessoas com base na utilização de questionários. O critério de escolha dos entrevistados deu-se por serem pessoas que conhecem o Sítio de uma maneira mais aprofundada, são moradores da comunidade, trabalham como guia assim como estudantes que utilizam o sítio para participar de aulas de campo.

Segundo Paula Alves (2024), moradora e possuidora de restaurante e pousada na localidade e de Jair Miranda (2024), morador e guia no Parque Nacional Serra da Capivara, a origem do nome Mocó vem de:

Aqui é o seguinte, o Antônio Pereira foi o primeiro morador do Sítio do Mocó. Ele veio por causa da tração da maniçoba que é a seringueira que solta borracha. Ele não tinha medo de nada e andava sempre com o rifle na mão, era o melhor atirador de rifle. Aí ele estava construindo uma igrejinha e tinha um Mocó lá no paredão. Você vê a distância e como é longe... Aí o rapaz que estava trabalhando a 8 dias na construção da igreja, olhou pra ele e disse: “Quero vê se você é bom atirador de rifle se você matar aquele Mocó”, ele estava com o rifle na mão, só mirou assim, acertou ele e o mocozinho desceu rolando. Ele disse: “Oh, vá pegar”. O cara chega amarelou e ficou de todo jeito. Aí o pessoal começou a chamar ele de Antonio Mocó. Depois o pessoal que vinha de outras cidades vizinhas começou a chamar aqui de Sítio do Mocó, aí o nome pegou, por isso que o nome da comunidade é Sítio do Mocó (Alves, 2024).

O nome da comunidade Sítio Mocó é dado como uma forma de homenagem ao primeiro morador do povoado Antônio Pereira Lima, que era conhecido como Antônio Mocó, ele foi um dos responsáveis pela construção de uma igrejinha, e é lá que ele está sepultado, é uma das figuras mais importantes da comunidade (Miranda, 2024).

Partindo das memórias relatadas pelos moradores Paula Aves (2024) e Jair Miranda (2024), percebo que as versões dos respectivos moradores a respeito da origem do nome da comunidade apresentam semelhanças uma vez que, “**o Antônio Mocó foi o primeiro morador do Sítio do Mocó**”, o nome é “**uma forma de homenagear ele**”. Percebo através das falas uma semelhança/conexão, provocada possivelmente pela transmissão e divulgação das memórias a respeito da história local da comunidade, dessa vivência que são propagadas de geração em geração e são cultuadas ao longo do tempo.

Em relação a diferença existente nas falas dos entrevistados, nota-se que o morador Jair Miranda não cita, por exemplo, o fato de que o nome Mocó, teria surgido num primeiro momento após uma aposta, em que Antônio Pereira teria feito com um trabalhador que ele seria o melhor atirador de rifle se conseguisse matar o Mocó. Ressalto que um fato histórico tem várias interpretações na história, são construídas ao longo do tempo e propagadas e podem sofrer variações de acordo com o local em questão, ou de geração a geração.

É no povoado do Sítio do Mocó que situa o Sítio Toca da Invenção (figura 4). Este abrange uma importante área arqueológica, situado em um local próximo a área que abrange o Parque Nacional Serra da Capivara, mas está fora do perímetro do parque. Este sítio possui a presença de pinturas rupestres e é utilizado como um “sítio escola” - (espaço utilizado para a realização de escavações e pesquisas arqueológicas, que alia a teoria e a prática) pelos professores, estudantes e pesquisadores da Universidade Federal Vale do São Francisco (UNIVASF) para a utilização de

aulas práticas de escavação, por exemplo. Em relação a origem do nome Toca da Invenção os moradores explicam:

Nasci e me criei aqui na comunidade Sítio do Mocó, desde criança que a gente conhece esses sítios arqueológicos com pinturas, inclusive a Toca da Invenção, tudo aqui de frente a esses sítios eram roças. O pessoal trabalhava no cultivo do feijão, milho, da mandioca, então a gente já conhecia esses sítios. E Toca da Invenção é uma história assim, lá tem um caldeirão natural e o pessoal ia lá pra pegar água, às vezes até o barulho de um avoante como uma juriti, fazia aquele eco no paredão, tinha também os caçadores que iam caçar e escutavam esse barulho, aí o pessoal dizia que: era onça, um bicho, alguma pessoa, antepassado que ficava falando ou fazendo movimentos, aí “os mais velhos” diziam assim: “È Invenção tua que lá não tem isso, não tem choro, nem esses ecos que vocês estão ouvindo”. Aí, foi aí que a gente botou aquele nome né, Toca da Invenção, porque os mais velhos falam assim, “ah! é Invenção que você não viu nem ouviu nada lá”. Aqui foi a própria comunidade que colocou esse nome (Alves, 2024).

É um sítio histórico, foi ocupado pelo pessoal aqui da região dos antigos moradores na década de 70, eles trabalhavam na agricultura, na extração da maniçoba local que era ocupado por esses moradores. Os arqueólogos colocaram o nome do sítio em homenagem a uma moradora daqui que recebeu o nome de Toca da Invenção, o nome dela verdadeiro era outro nome, mas, aí eu não me lembro, as pessoas colocaram o apelido dela de Invenção por causa que ela era uma pessoa que inventava muita coisa. Ela inventava de rezar nas pessoas, de contar histórias, e ela ocupou lá esse espaço, também. Lá encontra, assim, numa estrutura de casa de pau a pique, os antigos moradores daqui falam que eram duas mulheres que moravam lá, a outra eles não sabem falar como era o nome, só lembram da Invenção. Aí elas trabalhavam na agricultura, na parte de baixo, plantavam milho e feijão, essas duas mulheres eram irmãs e lá também do lado tem um caldeirão, onde armazenava a água da chuva, elas também utilizavam esse caldeirão para pegar água pra beber, pra produção, para os animais (Miranda, 2024).

A história da origem do nome Toca da Invenção apresenta versões diferentes, cabe aqui mencionar, também, a versão dada pelo guia, Waltércio Torres, que trabalha no PPARNA, que morou no Sítio do Mocó e, atualmente, reside na cidade de São Raimundo Nonato. Segundo ele, as informações que têm a respeito do sítio arqueológico é:

Através de um dos moradores do Sítio do Mocó que eu tive uma conversa, ele me falou sobre o sítio Toca da Invenção. Me disse que uma das primeiras pessoas que chegaram ali no Sítio do Mocó, ele trouxe uma engenhoca de Pernambuco, que era uma prensa e umas caretas umas coisas pra fazer rapadura, uma engenhoca, aí ele instalou ali naquela área, então além do forno de fazer farinha que era comum na época ter nas tocas, tinha essa engenhoca de fazer rapadura e, aí, segundo ele, ninguém sabia que Invenção era aquela e aí ficou conhecido como Toca da Invenção, tanto é que lá hoje só resta partes do forno e da parte de engenhoca que era de madeira provavelmente se perdeu (Torres, 2024).

Através das falas dos entrevistados é possível fazer uma análise e compreender/ conhecer algumas das memórias e histórias de pessoas onde se localiza o Sítio Toca da Invenção. Percebe-se que, apresentam semelhanças e diferenças nos relatos em como cada um descreve a origem do nome do sítio. “A memória emerge de um grupo que ela une”, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, “que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (Nora, 1993, p. 9). Diante disso, a maneira em como as memórias e lembranças são postas e repassadas pelas pessoas por mais que sejam do mesmo âmbito familiar, comunidade enfim, apresentam diferenças uma vez que, a memória é coletiva, plural e, também, individualizada.

Em relação a origem do Sítio Toca da Invenção Paula Alves, coloca que o nome surgiu inicialmente porque o local onde o sítio está situado tinha um caldeirão natural em que armazenava água para a população, e no local algumas pessoas acabavam ouvindo um eco provocando provavelmente pelo vento no caldeirão (figura 15) e a população mais velha do povoado diziam que isso não era verdade, que seria uma invenção. Já segundo Jair Miranda, foram os arqueólogos que colocaram esse nome no local, como forma de homenagear uma moradora da região que tinha o apelido de Invenção, e que era conhecida por “Inventar muita história”. Segundo Miranda, ainda, existe vestígios da casa (figura 3). Waltércio Torres afirma que o nome é graças a uma engenhoca trazida de Pernambuco e como não era comum ter uma engenhoca de fazer rapadura e ninguém sabia o que era, que Invenção seria, passaram a chamar de Invenção.

Figura 3: Estrutura referida por Miranda e Torres

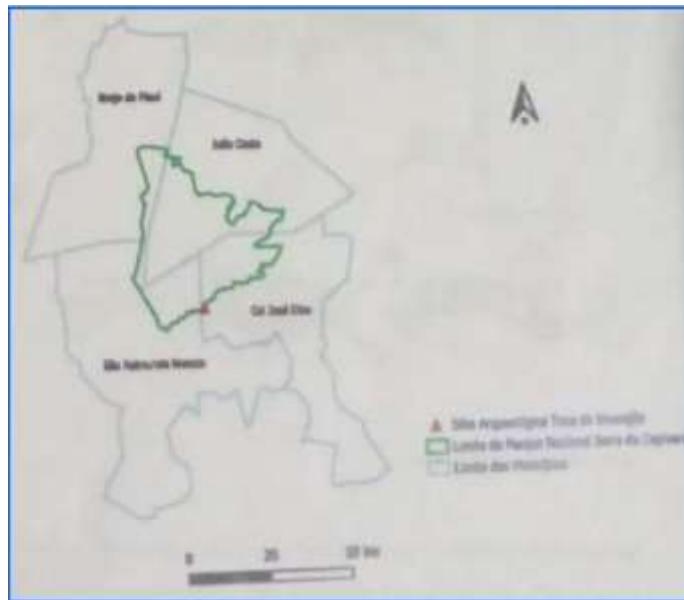


Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Pode-se dizer que as versões relatadas pelos entrevistados apresentam algumas diferenças em relação ao surgimento do nome, uma vez que enquanto uma pessoa fala sobre a questão dos caldeirões, da escolha da própria população; outro coloca que foi uma escolha dos próprios arqueólogos como uma forma de homenagear uma moradora, ainda é colocado que se tratava de uma engenhoca em que a população tinha desconhecimento. Algo que há de comum nos relatos dos entrevistados é a “Invenção”, uma vez que com base no que foi dito, tem relação com o que é inventado, seja como histórias inventadas, uma pessoa que inventou muita história ou até mesmo um instrumento/engenhoca desconhecido é chamado, posteriormente, de uma invenção.

O Sítio Toca da Invenção está no circuito da Pedra Caída, precisamente na Trilha do Hombu. O circuito tem esse nome porque a Pedra Caída é um bloco, que fica na borda, que se desprendeu em razão de um movimento de terra ou, simplesmente, por uma fragilidade de parte da formação rochosa. As variações de temperatura, também, favorecem o desprendimento dos blocos que caem no sopé da Serra.

Figura 4: Localização do Sítio Invenção



Fonte: Silva, Miranda, 2023.

Na figura 4 podemos ver a localização geográfica do Sítio Arqueológico Toca da Invenção, sítio este que faz parte da trilha HOMBU. O termo Hombu na língua Jê quer dizer: “Venha ver comigo”, e eles viveram nessa região, em um tempo em que rios largos e caudalosos abriam percursos em meio às florestas, nessas serras e planícies que hoje estão completamente secas e

cobertas pela caatinga nordestina. Dentro do circuito da trilha Hombu, estão presentes os sítios da Toca do Elias, Toca da Invenção e Toca da Boca do Sapo

Figura 5: Setor da Toca do Elias



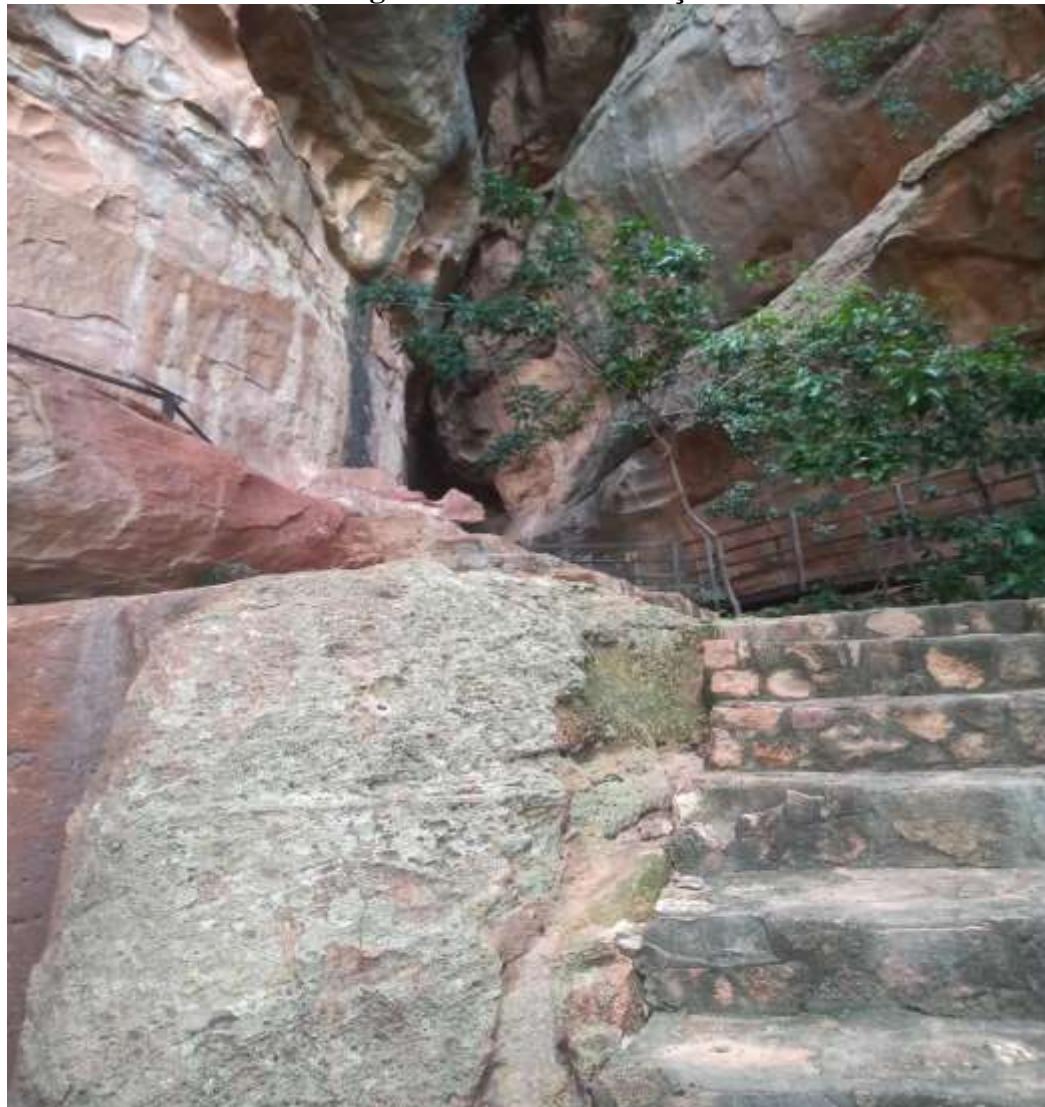
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Figura 6: Toca da boca do sapo



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024

Figura 7: Toca da Invenção



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Este sítio arqueológico e os demais dessa trilha ficam em terreno de propriedade da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), fora dos limites do Parque Nacional, fica nas proximidades da localidade Sítio do Mocó, no município de Coronel José Dias (Silva; Miranda, 2023). Antes,

A trilha [tinha], acesso controlado por um portão fechado com cadeado. Os visitantes acompanhados de um guia devem se dirigir a portaria do Boqueirão da Pedra Furada para assinar o livro de visitas e para que o guia pegue a chave do portão. O Sítio Toca da Invenção dista de 3 km de portaria e 1,5 km de estacionamento (Silva; Miranda, 2023, p. 1).

Hoje, o acesso à trilha não possui o portão fechado com cadeado, mas continua a obrigatoriedade do visitante ser acompanhado por guia, o responsável pela visita assina a guia na portaria do Boqueirão da Pedra Furada.

Figura 8: Placa da Toca da Invenção



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Figura 9: Circuito do Sítio



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Figura 10: Fenda de Pedra Lisa, Sítio Toca da Invenção



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Na figura 10 é possível ver uma Fenda de Pedra Lisa, que em época de chuva forma uma cachoeira, mas, que por volta do mês de setembro ou no período de extrema seca, fica no local apenas uma poça de água.

Segundo relatos dos moradores, antes todos os sítios eram roças, e o pessoal que morava na região trabalhava na agricultura com o cultivo de alimentos. Trabalhavam na Toca da Invenção plantando mandioca e fazendo farinha. Paula Alves (2024) acredita que a terra da Toca da Invenção foi doada a FUMDHAM e Jair Miranda (2024) informa que:

Tudo aqui antes era propriedade particular, tinha roças, cada morador ia para a terra onde tinha suas roças. A terra ela foi vendida e hoje é uma área pertencente a FUMDHAM. O pai do Ediran e Erivan, eu não lembro o nome dele, foi quem vendeu aquela terra de lá para a FUMDHAM, o pai dele já faleceu só tem a mãe deles, dona Teresinha, conhecida como Bibica (Miranda, 2024).

Com base no que foi dito, percebo duas versões: uma que a terra foi doada, outra que ela foi vendida para a FUMDHAM, provavelmente por um dos antigos proprietários das roças. Um

fato comum entre as falas é justamente a questão das “roças”, como já citado anteriormente, grande parte que abrange o circuito hoje eram propriedades privadas de determinados moradores.

As pinturas nas roças/sítios já eram conhecidas pelos moradores do Sítio do Mocó, até mesmo antes da chegada da arqueóloga Niéde Guidon. Sei que o nome da maioria dos sítios arqueológicos, manteve os nomes originários ou dos proprietários, sendo registrados os sítios dessa forma. Com base na informação dada pelos moradores, Niéde chegou na década de 70 e em 1973 ela já começou o processo de catalogação dos sítios, posteriormente, a terra em que está a Toca da Invenção ela foi vendida ou doada para a arqueóloga ou FUMDHAM, hoje a área está situada em uma área de preservação da FUMDHAM.

A fauna do sítio é marcada pela presença de mamíferos, aves, répteis e anfíbios, além de um número ainda desconhecido de invertebrados que apresenta a biodiversidade da caatinga. A grande maioria das espécies de animais endêmicos da caatinga pode ser encontrada na área próxima, ou pertencente ao Parque. Entre estas temos o Mocó, *Kerodon rupestris*, um roedor que vive sempre associado a afloramentos e paredões de rocha; aves como o bico-virado-da-caatinga, o besourinho-da- caatinga e répteis como a lagartixa da Serra. Abriga espécies com ampla distribuição geográfica, ou seja, que também ocorrem em outros biomas, como o cerrado e a floresta Amazônica, dessa forma o visitante pode observar diferentes espécies (FUMDHAM, s/d.).

O conjunto dos tipos de vegetação, percorridos ao longo desta trilha, pertence às caatingas, formações características do Nordeste semiárido. As caatingas se caracterizam globalmente pela queda das folhas na estação seca, dando à paisagem tonalidades cinzentas. Outros caracteres como a frequência de espécies espinhosas, de copos, de cactáceas e bromeliáceas, e a presença de um tapete herbáceo anual, variam em função do grau de aridez, do tipo de solo e sobretudo da ação antrópica (FUMDHAM, s/d.).

A flora regional, isto é, o conjunto das espécies presentes nessa área, é diversificada. Estima-se que existem em torno de 700 a 800 espécies pertencendo a cerca de cem famílias de vegetais, sem contar os musgos, fungos e algas. Ao longo da trilha os elementos relevantes a serem observados são: a diversidade de tipos de vegetação, florestas altas semidecíduas nos boqueirões, caatingas altas com árvores no pé da serra, ou caatingas arbustivas da chapada, ou ainda formações de rala vegetação compostas de poucas espécies nos lajedos de arenito. A uma alta diversidade de espécie encontradas; as adaptações morfológicas compõem as caatingas, folhas pequenas ou transformadas em espinhos ou, ainda, cobertas de pelos, todas adaptações à redução da transpiração

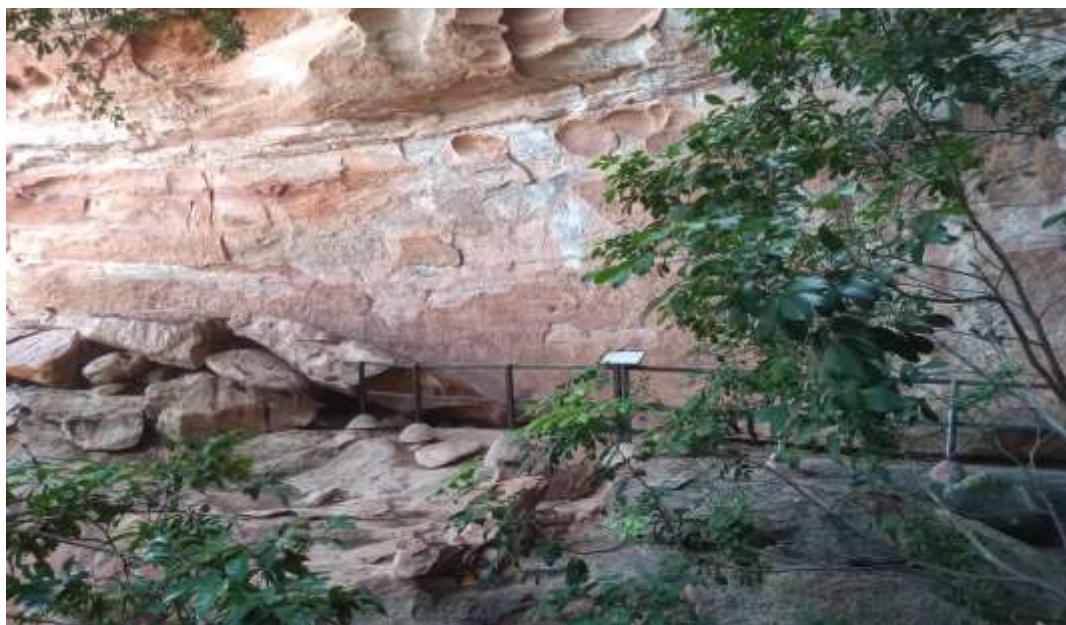
das plantas, presença frequente de espécies com tubérculos ou folhas espessas para armazenamento de água das folhas durante a seca (FUMDHAM, s/d.).

A vegetação presente no Sítio Toca da Invenção é a caatinga arbórea, a caatinga arbustiva é aquela que perde a folha em determinadas épocas do ano quando para de chover, são plantas xerófitas, elas estão se adaptando ao meio, acredita-se que, ela é um resquício da mata atlântica, provavelmente até cerca de 9 mil anos a vegetação local era a mata atlântica na região e quando teve a transição das partes entre paredões, a vegetação se manteve mais úmida não teve tanta transição, inclusive algumas espécies da mata atlântica aparecem na região elas permanecem verde, são árvores de grande porte (FUMDHAM, s/d.).

A informação que tenho sobre a Toca da Invenção consta no Relatório da IV Campanha de Escavação da Toca da Invenção é apresenta que:

A Toca da Invenção é um sítio arqueológico caracterizado como um “abrigo sob rocha”. Este tipo de sítio, formado a partir de uma cavidade rochosa, oferece abrigo contra intempéries, sendo utilizado pelo homem em tempos pré-históricos. Tanto que o sítio é caracterizado como "multicomponencial" em que são encontrados indícios de ocupação histórica, antigo forno utilizado por maniçobeiros e pré-históricos, pinturas rupestres. As pinturas rupestres do sítio estão descritas no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos como "degradadas", mas ainda podem se perceber as figuras de antropomorfos e zoomorfos com predominância a um dos dois caldeirões de água disponíveis no local (Silva, 2013, p. 5).

Figura 11: Abrigo sob rocha, Toca da Invenção



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

A princípio o Sítio Toca da Invenção abriga uma vasta e importante área de pesquisa. A região é utilizada nas aulas de campo dos alunos de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF, na aprendizagem dos métodos e técnicas de escavações (figura 14). O sítio auxilia a formação dos alunos e contribui para ajudar a entender/compreender acontecimentos do passado, envolvendo todo um conjunto de aspectos, uma sequência de fatos. Portanto, trata-se do primeiro “sítio escola” e nele são executadas “campanhas didáticas de escavação”, ou seja, as aulas práticas das disciplinas de Métodos e Técnicas Arqueológicas e de Topografia (Nascimento; Silva, 2023).

No Sítio Toca da Invenção existe uma grande quantidade de pinturas arqueológicas (figura 12 e 13), acredito que essas pinturas tenham datação entre 6 a 12 mil anos, algumas representam o movimento, aparecem representando cenas, é possível perceber algumas representações do que seriam animais quadrúpedes muitas vezes pulando, essas pinturas presentes no sítio são colocadas no estilo Serra Branca que seria a fase final da tradição nordeste, elas não aparecem totalmente preenchidas, aparecem com um contorno, geralmente aparecem com coloração avermelhada ou esbranquiçada (Castro, 2024).

Figura 12: Pintura da Toca da Invenção



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Figura 13: Pintura presente no sítio



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Figura 14: Registro de Escavação



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024

Como foi citado por alguns moradores no decorrer das entrevistas no sítio Invenção, tem a presença de caldeirões. O caldeirão natural (figura 15) armazena uma grande quantidade de água. Antes da criação do Parque Nacional, a população utilizava a água desse reservatório para beber,

na plantação e, também, para os animais beberem. Esse caldeirão armazena água da chuva, e segundo o morador e guia, Jair Miranda, no processo anterior à criação do Parna, “as mulheres da região utilizavam esse caldeirão para lavar roupa e como tinham muitas pessoas e às vezes era preciso esperar alguns terminarem de lavar as roupas, para conseguir lavar as suas” (Miranda, 2024).

Figura 15: Caldeirão Natural



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024

3 SÍTIO TOCA DA INVENÇÃO: formando novo(a)s arqueólogo(a)s

Levando em consideração a importância do Sítio arqueológico Toca da Invenção para a Arqueologia, assim como para os estudantes do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial,

foram realizadas entrevistas seguindo um roteiro de perguntas. O critério de escolha dos entrevistados deu-se por serem pessoas que têm conhecimento sobre as atividades realizadas e desenvolvidas no sítio no que diz respeito ao campo arqueológico. Neste momento, levo como base da pesquisa, os relatos obtidos através de 3 entrevistados com Carlos Silva, Denilson Castro e Thais Assis.

Assim, quando perguntei ao arqueólogo Carlos Silva se fez laboratório no Sítio Toca da Invenção e quando ocorreu, ele destaca:

Participei daquilo que nos foram encorajados a chamar de “quarta campanha de escavação” na Toca da Invenção como parte das atividades da cadeira de **Métodos e Técnicas Arqueológicas II, em abril de 2013**, totalizando aproximadamente 120 horas distribuídas ao longo de cerca de 15 dias de escavação. No entanto, não nos foram fornecidas informações precisas sobre as datas das campanhas anteriores, e as informações disponíveis eram limitadas. Lembro-me de que não havia um banco de dados contendo os diários de campo ou relatórios das campanhas anteriores, os quais certamente foram entregues, pois eram requisitos para a aprovação na cadeira, devendo ter sido entregues por turmas anteriores (Silva, 2024).

Silva (2024) relata que participou da quarta campanha de escavação na Toca da Invenção, mas que em relação às campanhas que aconteceram anteriormente, nada foi divulgado/fornecido durante o período que estava na pesquisa de campo. A área abrange um importante espaço arqueológico e precisa ser mais conhecida.

Em relação ao questionamento, acima referido, Denilson Castro afirmou que não chegou a participar das escavações, mas que tem desejo de fazê-las. Ele é graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí, guia pelo Instituto Federal do Piauí e mestrandando pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia.

Thais Assis, afirma que não chegou a fazer laboratório, nem escavações no Parque;

Na Toca da Invenção eu não tive a oportunidade de fazer escavação e nem a parte de laboratório lá. Só que em todo sítio, ou em sua maioria, os procedimentos são bem parecidos. Quando a gente chega num sítio, isso de forma acadêmica, se a gente vai lá pra fazer um estudo, a gente estabelece o local que vai ser feito a escavação, faz a limpeza do local e depois, quando é iniciada a escavação tem várias fases. A gente começa realizando a escavação de maneira com muito cuidado para a gente não [acabe levando] algum dano para possíveis materiais que venham a ser encontrados e quando a gente encontra algum material, antes de tudo é feito fotos desse material, a gente recolhe ele, faz etiquetas do sítio, a camada de decapagem que é a camada do solo onde ele estava, também são feitos pontos topográficos pra depois a gente localizar é feito uma espécie de mapa pra saber onde ele estava cada material, e aí esse material é recolhido, é colocado num saquinho com essa etiqueta que serve pra quando chegar no laboratório a gente saber de onde veio, no laboratório são feitos os processos de curadoria que é a limpeza adequada e cada tipo

de material tem um procedimento, procedimentos adequados para preservar a qualidade daquele material, para deteriorar o mínimo possível, em alguns casos é feito a curadoria e o tombamento onde ele tem uma numeração específica e ali ele fica identificado (Assis, 2024).

Com base na fala da entrevistada, podemos perceber/ compreender como é realizado o processo de escavação de um sítio, que consiste em uma série de procedimentos, como o estabelecimento do local a ser escavado, seguido pela realização da limpeza do espaço, entre outros descritos. É preciso ter todo cuidado com os materiais encontrados, com a identificação para que se possa encontrá-los posteriormente, por exemplo. E, segundo Assis (2024), preservá-lo para que haja “deterior[ização] o mínimo possível”. Atividades que requerem atenção e cuidado, para que nenhum material passe despercebido, sobretudo os muito pequenos.

Figura 16: Área para escavação no Sítio Toca da Invenção



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Perguntamos aos entrevistados qual era a opinião que tinham sobre o Sítio arqueológico Toca da Invenção. As respostas foram as seguintes:

Olha eu acho o sítio muito rico porque ele é um abrigo sob rocha. Eu acho que é uma pena eu não ter tido a oportunidade de escavar lá porque muitas turmas da UnivASF vão escavar lá, é meio que algo tradicional. O abrigo sob rocha são aqueles sítios que tem um paredão que tem aquele paredão rochoso e ele é meio curvado assim pra frente, como se ele fosse meio côncavo, assim ele é um sítio multicomponencial. O que a gente fala de multicomponencial é que ele tem diferentes datações. Ele é tanto histórico como pré-histórico, ou pré-colonial, como algumas pessoas gostam de chamar. Porque ele tem fogueira, inclusive eu até vi alguns trabalhos que foi feito com leite de carvão, que inclusive eu acho que data da época da ocupação dos maniçobeiros, que tem toda uma ocupação aqui de São Raimundo. É um sítio que traz muitas informações para a gente, eu acredito que mesmo depois de todas as pesquisas que já foram feitas lá, eu acredito que ainda tem muita coisa a ser estudada lá (Assis, 2024).

A Toca da Invenção é um espaço representativo de ocupações antigas na região, em que podemos ver pinturas rupestres ilustrando a fauna que era presente ali há milhares de anos, além dos outros encontrados nas escavações; e de valor para investigarmos também o cotidiano de indivíduos em um passado mais contemporâneo, através de algumas evidências de sua cultura material que podem ser encontradas ali, e da oralidade que margeiam o local (Castro, 2024).

O Sítio Toca da Invenção é uma importante área de conservação, [...] de fácil acesso, com uma ambientes agradável e está situado próximo a comunidade Sítio do Mocó, que conta com uma pequena estrutura voltada para receber turistas, como restaurante e loja de suvenires, pelo menos em 2013. No entanto, não tenho certeza se essa realidade se mantém (Silva, 2024).

Com base nos relatos percebo a importância que o sítio possui. Ele atua contribuindo para a realização de atividades práticas de desenvolvimento da Arqueologia. Ele é um sítio com características únicas, é um sítio histórico e pré-histórico, é um espaço representativo e que constitui-se de diferentes ocupações. É utilizado como espaço de pesquisa, aula de campo, escavações, possui uma quantidade significativa de pinturas rupestres, é um sítio multicomponencial, possui diferentes datações, ele é escavado há mais de 10 anos, de acordo com os relatórios públicos.

A respeito da contribuição na área da Arqueologia, os entrevistados relatam;

Eu não tive acesso a esses resultados detalhados das pesquisas realizadas no sítio. Pelo contexto com sítios semelhantes da área arqueológica, e pelo tempo que vem sendo observado, acredito que sozinho, o Sítio não vai causar um grande impacto na ciência. No entanto, é bem útil para contribuir com as investigações que vêm sendo feitas sobre as ocupações antigas da área, dando suporte para trabalhos de diferentes ramos da arqueologia. O sítio é pesquisado a anos, além de estar inserido nos roteiros turísticos. Para a comunidade, é um sítio importante, assim como todos os outros da área arqueológica da Serra da Capivara. O que eu sinto falta é de um aprofundamento por parte da arqueologia sobre as ocupações mais recentes no local. Na placa descriptiva, só consta que foi habitado por populações na época do ciclo da maniçoba, mas não temos especificações sobre quem eram

essas pessoas e quais as suas relações com o lugar. Sinto falta de uma fiscalização maior naquele espaço, pois, pela ausência de guarita, não é raro encontrar visitantes desacompanhados de guias e que, por descaso, deixam lixo na trilha. Mas, é compreensível que a fiscalização não dê conta de abraçar uma área tão grande de preservação (até mesmo pelas questões financeiras) (Castro, 2024).

Ele é um sítio que para nós, como alunos, é um sítio muito estudado. Eu acho que a arqueologia como um todo, ainda, precisa ter mais visibilidade, só que até hoje assim, em alguns contextos, em algumas situações que eu me vejo, eu ainda ouço perguntas sobre o que é arqueologia, então as pessoas não sabem direito o que é arqueologia, não tem como dizer que um sítio tem tanta visibilidade, sendo que tem pessoas que não conhecem a arqueologia. Eu acho que a gente tem sempre buscar fazer isso, porque as pessoas ainda não têm tanto acesso e não conhecem, como profissionais a nossa missão é passar um pouco do nosso conhecimento para essas pessoas (Assis, 2024).

Avaliar o impacto de um sítio arqueológico em uma determinada região, em termos de avanços no conhecimento e potencial para mudanças no estado da arqueologia, é uma abordagem desafiadora que poucos se arriscam a fazer. É inegável que certos sítios têm o poder de transformar significativamente o panorama científico. No caso da Toca da Invenção, é possível afirmar que existe uma oportunidade tangível de preencher lacunas relacionadas à ocupação do território Serra da Capivara. Isso ocorre ao confrontarmos dados faunísticos específicos e relacioná-los à datação do sítio, que é de 6180+/- 50 BP¹, abrindo espaço pra interpretações e para fundamentar novas hipóteses. Contudo, isso requer uma pesquisa dedicada e focada nesse objetivo. Além disso, há o aspecto histórico do sítio, cuja materialidade parece confirmar narrativas orais sobre o modo de vida de parte dessa sociedade de um determinado período (Silva, 2024).

Com base nos relatados, percebo nas falas dos entrevistados que não há divergência. Todos reconhecem a importância do local, sua contribuição para o desenvolvimento de atividades e projetos. Foi colocado que é preciso que as pessoas conheçam e entendam a importância da arqueologia. Que o sítio é pesquisado há anos, mas que falta um aprofundamento por parte da arqueologia no local.

Em sua obra “Arqueologia”, Pedro Paulo Funari trata da importância do estudo da arqueologia para a sociedade. Os vestígios arqueológicos a partir do momento em que são reintegradas no contexto cultural em funcionamento como o nosso, tornam-se novamente mediadores que esse processo pode ocorrer de diferentes formas e métodos, ao falar sobre a atuação do arqueólogo. Ele afirma que o arqueólogo trabalha diretamente com a cultura material, e essa é a diferença essencial da arqueologia em relação às outras ciências humanas que possui uma prática de ação sobre a esfera ideológica (Funari, 2010).

A arqueologia juntamente com outras áreas do conhecimento, atuam no processo de contribuição para o desenvolvimento de uma pesquisa, levando em consideração um conjunto de aspectos pautados no campo da investigação. A partir dela é possível ter um estudo pautado em fatos passados da sociedade como vestígios materiais de outras sociedades, em épocas distintas.

O estudo da Toca da Invenção, ele visa contribuir para um aprofundamento a respeito do entendimento sobre as memórias das pessoas sobre o sítio, a importância para a obtenção de reconhecimento do local, como fundamental para o desenvolvimento de pesquisas e ampliação de trabalhos arqueológicos e históricos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo propus conhecer as memórias e histórias de pessoas sobre o Sítio do Mocó, Coronel José Dias - PI, valorizando suas memórias; assim como identificar o sítio arqueológico Toca da Invenção como local de prática para futuros arqueólogos.

A escolha da temática “Sítio Toca da Invenção” surgiu do meu interesse em desenvolver uma pesquisa pautada na importância dos sítios arqueológicos e suas contribuições para a Arqueologia, por ser uma temática que ainda é pouco reconhecida, explorada e até mesmo “desconhecida” por alguns, principalmente quando se trata de pessoas que estão distantes do meio arqueológico, e por ser um Sítio muito rico em materiais arqueológicos e históricos que permitem diferentes possibilidades de pesquisa.

Dessa forma, descrevi a localização do Sítio do Mocó, justamente por ser o povoado onde o Sítio Toca da Invenção está situado. É uma região que fica nos limites do Parque Nacional Serra da Capivara, onde existe uma grande concentração de pinturas rupestres. Com base nos relatos, depoimentos dos moradores do povoado, como Alves (2024) e do guia Miranda (2024), percebo como surgiu a origem do nome da localidade. Ficou evidenciado que para criar uma relação de proximidade com a região de estudo, de acordo com o que foi relatado, deu-se com base, na tradição, como uma forma de homenagear um importante personagem da região que neste caso foi o primeiro morador do Sítio do Mocó, Antônio Pereira Lima, conhecido como Antônio Mocó.

Percebi, também, que a população tem bastante apreço e reconhece o valor e a importância histórica que os sítios arqueológicos possuem na região, principalmente, pelo fato de ser uma área turística, que atrai muitos visitantes e contribui para uma das principais fontes de renda da

população local. Em relação às visitas que os estudantes, especialmente os do curso de arqueologia, fazem ao sítio Toca da Invenção, Alves (2024) relata o seu sentimento em relação a movimentação no sítio, seja por estudantes em visitas ou em estudos de pesquisas:

A gente se sente bem, porque é uma coisa que vai trazer muita renda pra cá, quando está cheio de estudante lá, todo mundo ganha, uns vende um salgado, outros vendem uma água, e é uma coisa que a gente vê que as pessoas estão se interessando pela Arqueologia, como a doutora Niède diz: “Olha o parque está aqui com toda bagagem, agora só resta vocês aprenderem a caminhar com as próprias pernas”. Então, a gente fica muito bem com essas visitas, esses estudos que são feitos aqui (Alves, 2024).

Analizando a fala dos moradores e guias turísticos/condutores que atuam no Parque Nacional Serra da Capivara, percebo que a área é muito visitada ao longo do ano, que recebe um número bastante significativo de visitantes. Através das falas dos guias e moradores é possível entender a importância que os sítios possuem para a comunidade em geral, além de ter uma riqueza com inúmeras pinturas rupestres, fornecendo muito conhecimento e aprendizado. Tanto os moradores, como os guias/condutores demonstram profunda admiração pelo local, não somente por ser uma fonte de renda e sobrevivência, mas pelo reconhecimento das riquezas deste local, possibilitando também a interação entre pessoas de diversas regiões, criando inclusive uma relação de socialização.

Nas falas dos alunos de arqueologia comprehendo as contribuições do Sítio Toca da Invenção. Ele auxilia, contribui de maneira significativa no processo de formação desses estudantes, tendo em vista que é um dos principais pontos de pesquisa e de escavações para o aprimoramento nas técnicas práticas do estudo no curso. Outro fator contribuinte para a sua visitação, é o fato de que o espaço em si é de fácil acesso, entendo que ele é um abrigo sob rocha, possuindo um paredão rochoso, as riquezas presentes no sítio são múltiplas, visto que é um “sítio multicomponencial” possuindo, assim, diferentes datações, com a presença de uma grande quantidade de pinturas arqueológicas do estilo Serra Branca, fase final da tradição nordeste.

Diante disso, tem como base para a construção deste trabalho as de entrevistas direcionadas (com roteiro de perguntas) com moradores, estudantes (mestrados) em Arqueologia e guias/condutores do Parque Nacional Serra da Capivara, criando assim uma relação de proximidade com a região estudada. Vale ressaltar que também realizei visita guiada na Trilha do Hombu para conhecer o percurso e a materialidade presente na trilha do Sítio Toca da Invenção.

Reafirmo que o presente estudo teve como propósito apresentar as memórias e histórias de pessoas sobre o Sítio Toca da Invenção, localizado no Sítio do Mocó, valorizar as memórias dos moradores locais e identificar o Sítio como local de prática e pesquisas para futuros arqueólogos. As memórias e história revelam a compreensão do sítio como um campo arqueológico, contribuindo para a intensificação de pesquisas e conhecimento sobre a região, bem como a sua compreensão no que diz respeito à sua formação no passado. Este artigo é um trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, em que teve a interação com outra área de conhecimento, a arqueologia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Paula. **Entrevista cedida a Érica Paes Macedo**, em 21 de abril de 2024.
- ASSIS, Thais. **Entrevista cedida a Érica Paes Macedo**, em 4 de abril de 2024.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- BRITO, Thiago Macedo Alves de. **A metamorfose do conceito de Região: Leituras de Milton Santos**. **Geografia** (UFF), v.10, p. 74-105, 2010.
- CASTRO, Denilson. **Entrevista cedida a Érica Paes Macedo**, em 21 de abril de 2024.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizagens**. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: contexto, 2010.
- FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. Fauna. Flora. Informações colhidas nas placas existentes na Trilha do Hombu. Acesso em: 21 abr. 2024.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In. GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. P. 145- 179.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- LIMA, Evair do Nascimento. **Serra da Capivara: Uma História contada por coronelinos (1970-2015)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, São Raimundo Nonato, 2015.

MELO, Vilma de Lourdes Barbosa. **História local:** contribuições para pensar, fazer e ensinar. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MIRANDA, Jair. **Entrevista cedida a Érica Paes Macedo**, em 21 de abril de 2024.

NASCIMENTO, Cleiton Mendes; SILVA, Mayara Evelyn Martins. **Toca da Invenção, Planta Baixa do Sítio Toca da Invenção.** UNIVASF, São Raimundo Nonato, 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução T.Y. Aun Khoury. **Projeto História:** Revista do Programa de estudos pós-graduados de história, n. 10, p.7- 28, jul. - dez. 1993.

PESSIS. Anne- Marie. **Parque Nacional Serra da Capivara:** perfil socioeconômico área de preservação permanente. Municípios de Coronel José Dias e São Raimundo. Recife: FUMDHAM-SUDENE, 1998.

SILVA, Carlos. **Entrevista cedida a Érica Paes Macedo**, em 8 de maio de 2024.

SILVA, Ianthe Santos. **Relatório da IV Campanha de Escavação na Toca da Invenção.** UNIVASF- São Raimundo Nonato, 2013.

SILVA, Luís Antônio; MIRANDA, Bruna Borges de. **Sítio Toca da Invenção Mapa de Localização.** UNIVASF, São Raimundo Nonato, 2023. (Banner impresso)

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Movimentos Sociais, Memória e História. **Universidade e Sociedade**, Brasília, ANDES-SN, ano XVIII, n.42, p.185- 193, jun. 2008.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: Burke, Peter (org). **A escrita da História:** Novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

THOMPSON, Paul. Entrevistas. Armazenamento e catalogação. In: THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução de L. Lourenço de Oliveira. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 254-298.

TORRES, Waltércio. **Entrevista cedida a Érica Paes Macedo**, em 29 de maio de 2024.